

## Entre chegadas e partidas: conversas intergeracionais no Projeto de Extensão Saúde do Idoso

Between arrivals and departures: intergenerational conversation in the Elderly Health Extension Project

### Willian Fernandes Luna

Médico de família e comunidade, mestre em ensino na saúde, Departamento de Medicina da Universidade Federal de São Carlos.

### José Anchieta Bezerra de Melo

Cientista social, mestre em sociologia, Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba.

### Carlos Henrique Martinez Vaz

Médico de família e comunidade, Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis.

### Resumo

A considerar a complexidade da formação médica atual e da compreensão multifatorial do envelhecimento, surgiu o Projeto de Extensão Saúde do Idoso (PESI), uma extensão universitária que buscou sensibilizar os estudantes de medicina sobre as diferentes dimensões da velhice a partir de encontros com idosos em uma Instituição de Longa Permanência (ILPI), promovendo o intercâmbio de saberes. Este artigo apresenta uma pesquisa qualitativa realizada a partir da análise de narrativas elaboradas pelos extensionistas ao final de sua participação no PESI, com foco nas experiências e aprendizados construídos a partir delas. Foi realizada análise temática de conteúdo dos materiais dialogando com referenciais teóricos das ciências sociais e da comunicação em saúde, com resultados apresentados em quatro categorias: as chegadas, as diferentes velhices, as conversas e as partidas. As chegadas de extensionistas e idosos ao Lar discorrem sobre as novas vivências e desafios neste novo cenário; As diferentes velhices são discutidas na segunda categoria, trazendo compreensões e ressignificações; As conversas e outras formas de comunicação são trazidas numa categoria que foca na interação dos atores do processo; Finalizamos os resultados refletindo sobre as percepções de perdas, interrupções, despedidas e terminalidade. Concluímos, através da análise das experiências narradas, que o PESI sensibilizou os estudantes de Medicina para as questões da velhice institucionalizada. Promoveu o convívio intergeracional e a construção de saberes entre

a academia e a comunidade. Propiciou uma percepção ampliada da velhice e superação dos estereótipos sobre ILPIs. As análises indicam que os aprendizados repercutiram na formação dos futuros profissionais de saúde.

**Palavras-chave:** Extensão comunitária; instituição de longa permanência para idosos; educação médica; envelhecimento.

### Abstract

Considering the complexity of current medical training and the multifactorial understanding of aging, the Elderly Health Extension Project (PESI), a university extension that sought to sensitize medical students about the different dimensions of old age came from meetings with elderly people in a Home for the Aged, promoting the exchange of knowledges. This article presents a qualitative research based on the analysis of narratives elaborated by the extension agents at the end of their participation in PESI, focusing on the experiences and learning built from them. A thematic analysis of the content of the materials was

carried out in dialogue with theoretical references of the social sciences and health communication, with results presented in four categories: arrivals, different old age, conversations and departures. The arrivals of extension agents and old ages to the Home discuss new experiences and challenges in this new scenario; The different old age are discussed in the second category, bringing understandings and resignifications; Conversations and other forms of communication are brought into a category that focuses on the interaction of process actors; We finish the results reflecting on the perceptions of losses, interruptions, farewells and termination. We conclude that the PESI sensitized medical students to issues of institutionalized old age. It promoted the intergenerational conviviality and the construction of knowledge between the academy and the community. It provided an expanded perception of old age and overcoming stereotypes about ILPIs. The analyzes indicate that the learning has had repercussions on the medical training of the students.

**Keywords:** Community-Institutional Relations; Homes for the Aged; Medical Education; Aging.

### Introdução

A Medicina e a formação profissional dos médicos sofrem transformações ao longo do tempo, refletindo as alterações da sociedade no Brasil e no mundo, como no caso da compartimentalização do indivíduo e intensa especialização, marcados pela Revolução Industrial e a publicação do Relatório Flexner.<sup>1</sup> Nesse sentido, os projetos pedagógicos tradicionalmente de cunho hospitalocêntrico, focados no processo patológico, têm buscado, com grandes desafios, adaptações curriculares, inclusive com uso de novas metodologias de ensino-aprendizagem, para a formação que responda às necessidades da população, com

maior autonomia do estudante.<sup>2</sup> As Diretrizes Curriculares Nacionais de Medicina de 2001 e 2014 surgem para fortalecer esse processo de mudança na formação e apontam que os cursos devem proporcionar ao estudante um ambiente em que se desenvolva o pensamento crítico e reflexivo, e de compreensão dos determinantes sociais, culturais, comportamentais, psicológicos, ecológicos, éticos e legais, nos níveis individual e coletivo, do processo saúde-doença.<sup>3</sup>

Dessa forma, a complexidade de necessidades de saúde solicita que sejam oportunizadas

experiências onde o estudante possa superar paradigmas da formação flexneriana e esteja em contato com a comunidade numa postura de construção compartilhada. Essa relação permite reconhecer-se enquanto cidadão, sendo a Extensão Universitária espaço privilegiado para o desenvolvimento destes aprendizados interdisciplinares.<sup>4</sup> Nesse diálogo com a comunidade é necessário que a academia reconheça que seu saber não é superior, nem absoluto. Esse encontro deve possibilitar a construção de novos saberes, numa postura crítica, com valorização da diversidade cultural, respeito aos valores e as crenças, buscando sempre a autonomia.<sup>5</sup> Assim, levando em consideração as necessidades locais da população e as características da sociedade atual, foi desenvolvido o Projeto de Extensão Saúde do Idoso (PESI), que optou por trabalhar em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI).

No PESI houve uma busca por compreender a velhice também sob a perspectiva das Ciências Sociais, entendendo-a como uma etapa que faz parte de um ciclo natural da vida: nascer, crescer, amadurecer, envelhecer e morrer. Entretanto, as fases da vida representam construções sociais em um determinado tempo e espaço histórico, sendo influenciadas por fatores culturais, sociais, históricos, políticos e, principalmente, econômicos.<sup>6</sup> Inegavelmente a abordagem do processo de envelhecimento e de velhice nas graduações de Medicina tem crescido nos currículos, todavia geralmente está limitada à uma perspectiva biomédica que

privilegia uma análise do envelhecimento a partir de suas causas e consequências para o organismo humano, com foco no adoecimento.<sup>7</sup>

É nesse quadro de transformações em que a temática do envelhecimento passa a ocupar um importante espaço na academia, rompendo o que Simone de Beauvoir<sup>8</sup> chamou de uma conspiração do silêncio, para ser pensada na contemporaneidade enquanto um problema social<sup>6</sup>, que suscita inúmeros desafios e indagações para a sociedade. A partir do momento em que o sujeito é considerado velho, começa uma nova configuração da vida que atravessa os diversos espaços ocasionando mudanças e perda de papéis sociais. O convívio com a família pode ser substituído pelo ambiente de uma ILPI, o que exige uma nova dinâmica de vida, num ambiente condicionado e direcionado pela instituição.

Na discussão sobre as ILPIs há geralmente aproximação ao conceito de instituições totais, identificadas sob uma perspectiva sociológica como aquelas em que a vida social é organizada dentro dos limites físicos de um prédio ou de um fábrica<sup>9</sup>, com rígido controle das rotinas e redução sistemática da autonomia do indivíduo. Embora o modelo asilar brasileiro mantenha muitas semelhanças com as instituições totais, como apresentado por Goffman<sup>10</sup>, a ILPI onde desenvolvemos o Projeto de Extensão buscava aos poucos romper com essa lógica, ao flexibilizar os horários de visita, permitir o desenvolvimento de projetos de extensão na unidade e, dentre outras ações, promover

eventos abertos à comunidade, o que afasta certas generalizações assentadas em tal pressuposto. Por essa razão é preciso considerar que ao utilizar o conceito de instituição total, no sentido goffmaniano, não se pode fazer de forma indiscriminada e literal. Conforme Cabral, o asilo, apesar de constituir-se em um ambiente conduzido por horário, regras, formalidade e rigor, é caracterizado por uma maior maleabilidade de atividades, de adaptação de situações que consideram os limites físicos e psicológicos dos idosos, o que possivelmente não ocorre, por exemplo, em prisões.<sup>11</sup> É importante destacar que os estudos sobre o envelhecimento em ILPIs contemplam basicamente duas visões distintas, a que a considera um espaço de vivência harmoniosa e sociável, e a que percebe o asilo como um espaço que favorece o distanciamento da convivência familiar e o isolamento da sociedade, contribuindo para a perda da experiência de sociabilidade.<sup>6</sup>

### O Projeto de Extensão Saúde do Idoso

O PESI foi construído com objetivo de sensibilizar os jovens universitários do curso de Medicina para as questões do envelhecimento humano e da velhice, sobretudo nas camadas populares, e promover o intercâmbio de saberes com a comunidade. Vinculado à Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba (FCM/PB), o primeiro ciclo do Projeto foi coordenado por dois professores, um médico de família e comunidade e um sociólogo, com atividades desenvolvidas em uma ILPI da região metropolitana de João Pessoa – PB. A definição

por esta instituição ocorreu porque parte dos estudantes interessados havia desenvolvido uma ação pontual no local, em atividade da grade curricular, o que foi fator bastante motivador. Somado a esta experiência anterior, outras características, como uma população condizente com a proposta da extensão e o acesso à instituição foram decisivos para o grupo. Tanto o planejamento como a elaboração das atividades foram construídos de forma compartilhada por discentes e docentes. A atividade central deu-se por visitas regulares a idosos institucionalizados objetivando a criação de vínculo através de conversas e outras formas interativas entre os residentes no Lar e extensionistas. As visitas eram realizadas nos horários em que os estudantes não possuíam atividades nas dependências da faculdade, com a frequência de uma vez a cada quinze dias, sempre mantendo o vínculo entre extensionista e os mesmos idosos. Neste primeiro ciclo de atividades, foram realizadas 43 visitas no total, sendo quinze no ano de 2011, vinte em 2012 e oito em 2013, com 32 idosos.<sup>12</sup> As visitas eram seguidas de encontros teórico-reflexivos de todos os extensionistas e professores coordenadores, na busca de compartilhar as experiências vivenciadas, realizar aprofundamentos teóricos, integrar conhecimentos novos e anteriores e superar lacunas de aprendizagem, no sentido da construção de uma aprendizagem significativa<sup>13</sup> e planejamento das próximas visitas. Quanto ao número de estudantes, foram 20 os extensionistas nesse período, sendo que, destes, 19 escreveram narrativas sobre o

período de mais de dois anos de experiências de encontros intergeracionais.<sup>12</sup>

É nesse universo de relações complexas da velhice que os extensionistas do PESI estiveram inseridos e puderam viver experiências, que serão foco deste artigo.

## Métodos

Neste artigo é apresentada uma pesquisa com abordagem qualitativa, baseada na análise de conteúdo temática das narrativas dos estudantes extensionistas do PESI. A opção por realizar uma abordagem qualitativa aconteceu por compreendermos este tipo de pesquisa como a mais adequada para discutir os significados de participação neste Projeto de Extensão para estes estudantes, no sentido de compreender a vivência em suas subjetividades.<sup>14</sup> Assim, neste artigo buscamos refletir sobre a experiência dos extensionistas, compreendendo-a como o que acontece a estes sujeitos, bem como o que é construído a partir dos encontros, que é o saber da experiência na definição de Larrosa Bondía.<sup>15</sup> Nesse sentido, esta pesquisa tem objetivo de descrever e discutir o que foi vivido ao olhar dos estudantes, bem como o que eles relataram ter aprendido. A construção deste artigo foi desenvolvida pelos docentes coordenadores e um ex-extensionista, enredados assim na experiência do PESI e na escrita deste manuscrito.

As experiências foram resgatadas e redigidas pelos próprios extensionistas, quando

solicitados a narrá-las ao final de sua participação neste Projeto de Extensão, como forma de organizar o que foi vivido, recuperando o passado e atribuindo significados, com percepções e reflexões pessoais, aproximando-se do que tem sido utilizado em estratégias de educação médica.<sup>16</sup> A narrativa é uma forma artesanal de comunicar sem a intenção de informar, mas transmitir na forma de histórias as experiências, evidenciando aspectos antes desconhecidos e que podem representar além dos aspectos individuais, também os coletivos. Nas narrativas se considera que a memória é seletiva, sendo importante o que a pessoa registrou de sua história e o que experienciou, e não a completude de fatos.<sup>17</sup>

Os materiais de análise foram 18 narrativas, das 19 redigidas pelos extensionistas participantes no período de 2011 a 2013. Um dos extensionistas não autorizou a inclusão de sua narrativa nesta pesquisa. No processo de pré-análise, todos os nomes foram substituídos como forma de garantir o sigilo das informações. Esses sujeitos eram estudantes do segundo ao quinto ano do curso de Medicina, sendo seis do sexo masculino e doze do feminino.

No processo optou-se pela análise temática de conteúdo, com identificação de sentidos e significados para compreender o pensamento dos sujeitos através do conteúdo expresso nas narrativas.<sup>18,19</sup> Foi realizada decomposição do material em partes; visualização em núcleos de sentido e categorias temáticas; inferência sobre

os resultados; e interpretação baseada principalmente em autores que discutem a velhice do ponto de vista das Ciências Sociais, além de referenciais teóricos da Comunicação em Saúde e da Educação Médica.

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FCM/PB, sob CAAE 44661915.1.0000.5178.

## Resultados e Discussão

Os resultados desta análise são apresentados em quatro categorias temáticas que buscam apresentar e discutir as experiências e os aprendizados dos extensionistas, iniciando pelas chegadas de extensionistas e idosos ao Lar, passando pelas compreensões sobre envelhecimento, velhice e comunicação, finalizando com as partidas e encerramento do ciclo.

### Categoria 1: As chegadas

*Na Restinga de Cabedelo (...) distante de tudo, aquele local seria cenário de minhas vivências com a velhice a partir daquele dia. (Lara)*

Nesta primeira categoria trazemos as chegadas, tanto dos extensionistas pela primeira vez à ILPI, como dos idosos, quando se tornaram residentes nesta nova morada. Para os estudantes, este início foi marcado por expectativas e inseguranças que trouxeram intensidade e reflexões registradas nas narrativas. Assim, apesar de alguma dificuldade em realizarem os primeiros contatos, pouco foi

o tempo necessário para que se sentissem ambientados com as pessoas e a instituição. Para alguns, era como se os idosos já os estivessem aguardando para uma conversa:

*O início foi incerto, confuso e incomum (...) pessoas não conhecidas passaram a fazer parte dos meus pensamentos, compartilhando suas histórias de vida e fazendo-me refletir sobre cada conversa realizada. (Sueli)*

*Logo na primeira visita já me sentia totalmente familiarizada com o local. (Alice)*

*Ao chegarmos, os idosos estavam parece que nos esperando (Nuno)*

Nesse primeiro encontro, ao tomarmos as discussões de Larrosa Bondía<sup>15,20</sup> percebemos que aqui houve um gesto de parar, abrir os olhos e ouvidos, cultivar a arte do encontro e permitir que a experiência acontecesse, pois ela depende nesta situação não apenas do estudante, mas do que é externo a ele, principalmente o idoso. Assim, a definição de quais moradores seriam visitados por cada um dos extensionistas não seguia uma distribuição específica, mas era baseada no encontro espontâneo inicial que gerasse no idoso o desejo de receber futuras visitas:

*Estava tentando encontrar a pessoa "certa" (...) e ele me chamou a atenção, pois foi até mim com um sorriso enorme, levantando-se da cadeira e apertando a minha mão. Claro, era ele com quem mais tarde teria um vínculo. (Elen)*

*Quando cheguei ao seu quarto ela estava sentada na cama. Pedi para entrar e ela, para minha surpresa, deixou. (Olga)*

*No primeiro dia de visita ela se sentiu tão à vontade e me contou grande parte de suas histórias. (Flora)*

Esses primeiros encontros também resultaram em respostas negativas dos idosos, que algumas vezes não demonstraram interesse em dialogar com o extensionista, o que era acatado. Aqui, destacamos o respeito na relação com o idoso, valorizando as suas escolhas e suas decisões ao reconhecer os limites colocados na situação<sup>23</sup>. Outras vezes a dificuldade inicial foi superada e o vínculo construído de forma progressiva:

*Ele havia sofrido uma queda e estava com 3 pontos na testa e um pouco chateado com isso. Achei que devia conversar com ele e fui. (...) Sentamos e ele preferiu a televisão. (Nuno)*

*Voltei lá em outro momento, mas infelizmente ela não quis me receber, respeitei seu espaço e fui embora. (Olga)*

*Mesmo ali, com seu jeito um tanto desconfiado de início, nos conhecemos e passamos a conversar sempre que eu chegava. Meses depois, eu continuava a visitá-la. (Liz)*

As histórias de chegada de cada idoso ao Lar, lembradas por eles ao contarem suas memórias aos extensionistas, foram momentos marcantes e narrados nos materiais analisados. Escutaram as mais diversas causas e justificativas para a mudança de moradia para o Lar, reconhecendo a complexidade e heterogeneidade de histórias de vida que culminaram na velhice asilar:

*Contou como chegou ao abrigo, suas tristezas, suas*

*indignações e a imensa vontade de um dia voltar a andar e de sair do abrigo. (Raquel)*

*Não tinha mais condições financeiras para manter as despesas e (...) não mais podia trabalhar por ter sido acometida pela doença da época, a febre tifoide. (Olga)*

*A decisão de ir morar lá partiu dela, pois a mesma tinha uma relação conflituosa com a filha que era alcoólatra e agredia a mãe. Em virtude disso, ela resolveu ir morar lá. (Flora)*

Nestas narrativas ficam evidentes os rompimentos que a mudança para o Lar significa, como enfatizado por Cabral, referindo-se à perda dos contatos com vínculos afetivos e/ou familiares que é sentida com intensidade e atua como ruptura.<sup>11</sup> Neste contexto, os estudantes encontraram-se também com idosos recém-chegados ao Lar, vivenciando as tensões e estranhamentos de quem inicia a morada em uma ILPI. Foi então oportunidade para acompanhar esse período liminar e possibilitar espaço para que o idoso pudesse falar sobre suas angústias:

*Ela havia dado entrada na instituição no dia anterior ao de minha visita (...) chorei e sofri, ainda que indiretamente, a dor do abandono. (José)*

*Fui pega de surpresa ao saber que tinha chegado à Instituição há uma semana. A voz trêmula e os olhos repletos de lágrimas ao contar-me a sua história me emocionou bastante, ao ponto de deixar-me sem palavras naquele momento. (Sueli)*

*(...) há situações onde é inevitável a institucionalização (...). Sejam quais forem as circunstâncias da sua internação, o idoso*

*experimentará uma realidade nova e, por vezes, assustadora. (Lara)*

Ao longo do tempo, vivenciaram as rupturas e o caminho de adaptação ou acomodação naquela nova situação de vida e de relações, gerando uma certa cumplicidade entre idosos e extensionistas, pois estavam compartilhando esse processo de recriar as trajetórias de vida dos primeiros na nova morada<sup>11</sup>:

*A cada visita realizada fui ganhando a confiança e consegui até alguns sorrisos quando tudo era tristeza na vida dela. (Sueli)*

*Retratava agora uma mulher que percebia melhor sua condição (...) e compreendia aos poucos a situação na qual estava inserida. (José)*

*Perguntei como ela estava e ela respondeu que bem e disse: “estou mais tranquila, aqui é um bom lugar, as meninas cuidam bem de mim, são ótimas”. (Lara)*

A partir destas chegadas, os encontros tornaram-se progressivamente mais maduros e as construções puderam ser elaboradas de forma longitudinal.

## **Categoria 2 – As diferentes velhices**

*...eles são o futuro de todos nós. (Mário)*

Nesta segunda categoria serão discutidas as experiências dos estudantes em meio às diversas compreensões sobre a velhice, a ILPI e seus aprendizados. No tocante às diferentes representações dos extensionistas sobre a velhice, percebemos que a visão biomédica do

envelhecimento é de grande influência na formação de jovens estudantes de Medicina. As narrativas dos extensionistas traduzem as impressões prévias e ampliação de olhares sobre a complexidade deste ciclo de vida a partir da experiência, sobretudo quando os estudantes discutem os novos aprendizados adquiridos na extensão:

*A velhice é marcada pela perda de projetos de vida, de reconhecimento e de responsabilidade, sendo comum o surgimento de sentimentos de incapacidade, baixa estima, desamparo e solidão. (Lara)*

*Hoje, vejo a abordagem psicossocial nos idosos como meio de redefinir a imagem deles, apagar a ideia de incapacidade produtiva, de apenas portador de doença degenerativa, de que não contribui em quase nada para o mundo (Mário)*

*O PESI permitiu que na nossa formação como médicos não olhássemos apenas para o processo doença. (Meire)*

Nestas falas sobre a velhice predominam concepções que reforçam a fragilidade, a solidão, as limitações causadas pelo envelhecimento biológico, e a incapacidade produtiva, que nos remete a uma reflexão sobre a situação da *velhice na sociedade industrial, uma velhice despojada, oprimida e banida, no dizer de Eclea Bosi.<sup>22</sup> Igualmente amparada num discurso sociológico, Anita Neri, ressalta os efeitos da urbanização e da modernidade sobre o status do velho, bem como a marginalidade a que o sistema econômico lança seus membros não produtivos.<sup>23</sup>*

Ao que nos parece, o desafio maior do Projeto foi o de superar uma imagem negativa da velhice. Ao promover o encontro de gerações em um contexto tão diferenciado, possibilitou ao estudante um olhar não apenas para o outro, mas sobre si, o que gerou descobertas, identificações, empatia, além de novas perspectivas sobre a própria formação:

*(...) Participar do PESI mudou, sim, e muito minha experiência de vida enquanto acadêmica a partir de uma nova perspectiva de abordagem e de conhecimento que se faz possível por meio da relação com o outro. (Liz)*

*Possibilitou uma interação entre acadêmicos e idosos criando assim um processo de inclusão social e convívio entre diferentes faixas etárias (...) aprendemos a conviver os diferentes tipos de velhices (Flora)*

Como se pode perceber, há uma valorização do aprendizado a partir da experiência relacional entre as gerações, que é o que Larrosa Bondía chama de saber da experiência.<sup>15</sup> A convivência com os diferentes tipos de velhice foi proporcionada pela extensão e o choque de realidades surge no encontro com a velhice asilar ou institucionalizada, em que os muros, tanto físicos como simbólicos, delimitam um espaço em que estão submetidos a uma dinâmica interna que implica outro ritmo de vida:

*O PESI me apresentou ao outro lado do envelhecimento, àquele vivido pelos inúmeros idosos residentes do Lar. Idosos heterogêneos, que vivem sob o mesmo teto, com as mesmas companhias, sob os mesmos cuidados, mas são diferentes. (Lucila)*

*(...) [há um] estereótipo de que os asilos são lugares velhos e abandonados, somente para idosos e pessoas amarguradas. (Tadeu)*

*por meio da experiência do outro enquanto inserido em sua realidade, me ajudou a entender as influências da realidade na qual estamos inseridos. (Liz)*

No desenvolvimento das atividades do Projeto, as visões sobre as ILPIs assumiram outras formas ao acompanharem o funcionamento do Lar e entenderem a sua importância na sociedade contemporânea. Os idosos que lá residiam recebiam moradia, alimentação, vestuário e medicamentos, além de cuidados de saúde. Mesmo reconhecendo que não são instituições específicas para ofertarem serviços de saúde, essas observações contribuíram para que os estudantes despertassem um compromisso de cuidado integral ao idoso que respeitasse suas necessidades e singularidades<sup>21</sup>:

*(...) o conhecimento do todo, o indivíduo mais sua família, comunidade e ambiente é de extrema importância para promover a saúde, prevenir agravos e também tratar e reabilitar o paciente. (Elen)*

*Como qualquer pessoa, estes idosos necessitam não apenas de cuidados de saúde, como também de atenção para aliviar tensões e alcançar o bem-estar. (Meire)*

*(...) necessitam apenas de um cuidado mais integral e (...) são o futuro de todos nós. (Mário)*

*“apesar de toda tentativa de compreensão do processo de envelhecimento, não conseguimos de forma completa alcançar nosso objetivo (...) talvez porque, simplesmente, seja necessário a nós mesmos envelhecermos. (Vitor)*

Quando os estudantes recorrem a uma visão integral e acolhedora como uma resposta às necessidades da velhice, ou especulam que só envelhecendo se pode, de fato, compreender a velhice, estão apontando o melhor caminho para assegurar um envelhecimento saudável para o outro e para si.

### Categoria 3 – As Conversas

*fizeram de cada visita um aprendizado e (...) “pela lei natural dos encontros, eu deixo e recebo um tanto” (Vitor)*

Esta terceira categoria discute as conversas a partir das narrativas de vida e do cotidiano, das diferentes estratégias de interação, das habilidades de comunicação para o futuro profissional de saúde e a construção de vínculo. O recurso mais utilizado para interação entre os idosos e os extensionistas foram as conversas a partir de narrativas de vida, percebida nas reflexões dos estudantes como uma tentativa de resgate das memórias anteriores à institucionalização<sup>24,6</sup>:

*Ele tinha histórias fantásticas para trocar conosco. (...) [Era] a valorização e o resgate dos seus saberes, mas também de suas memórias e histórias de vida. (Flora)*

*Não tenho certeza se ele não se lembrava de ter me falado aquilo ou se ele precisava contar a mesma história para mantê-la viva em sua mente. (Tadeu)*

*Pude perceber que era uma pessoa bastante comunicativa e sempre falava de modo repetitivo da família. (Dimas)*

Outro foco dos diálogos eram as próprias histórias dos estudantes e as narrativas sobre os acontecimentos cotidianos, o que possibilitava que os idosos pudessem conhecer melhor quem os visitava e conversassem sobre o que acontecia do lado de fora da instituição. Nessa relação horizontal havia o fortalecimento da troca de saberes, numa postura ativa de ambos, reconhecendo suas diferenças e construindo aprendizados.<sup>5</sup>

*Durante nossas visitas do projeto de extensão não havia paciente e não havia “doutor”, (...) aprendíamos um com o outro. (Meire)*

*Ele me surpreendia cada vez mais. Debatia política, economia (...) era tudo muito profundo, suas colocações deixavam sempre algo para refletir. Homem sábio que muito me ensinou. (Olga)*

*Queria ouvir histórias de fora do asilo, pois dizia não conhecer nenhum outro idoso no Lar que tivesse uma boa conversa. (Alice)*

*Percebia em seu olhar que por meio de nossas conversas imaginava como estaria o mundo além de sua realidade. Sempre que se encontrava com alguém de fora enchia-lhe de perguntas sobre sua vida como que querendo fazer parte também dessa nova história. (Liz)*

Esses diálogos também eram marcados pela diferença de idades numa relação intergeracional que rompia com a rotina de ambos. Além das conversas, outras atividades criativas eram realizadas nesse âmbito, como compartilhamento de poemas, piadas e músicas, elaboração conjunta de artesanatos, possibilitando utilização de estratégias flexíveis de comunicação:

*Assistimos o telejornal juntas comentando os fatos cotidianos (Lara)*

*Ele contava sempre as mesmas piadas (...) é o que havia de mais lúdico em nossas visitas (José)*

*Ele é artesão, construindo obras com argila e palitos de picolé; forma de se alegrar e ocupar a mente e o tempo, assim como cantar. Eu fazia tudo isso com ele! (Raquel)*

A prática de narrar as vivências foi utilizada nas reuniões teórico-reflexivas entre estudantes e docentes, possibilitando que competências narrativas fossem desenvolvidas, tais como o reconhecimento, a atenção e a interpretação de histórias, sendo um importante recurso para aprendizagem do grupo<sup>25</sup>:

*Pude participar por alguns instantes do seu mundo tão particular e curioso, o qual conhecia através de relatos nos encontros teórico-reflexivos. (Hélia)*

*Compartilhávamos as histórias com o grupo a fim de que houvesse reflexões em grupo, pensávamos como deveria ser a próxima conversa (Flora)*

Os extensionistas ainda destacam que houve um importante aprendizado de habilidades de comunicação, em especial a de escuta empática, que é uma estratégia de escuta ativa, demonstrando compreender quem fala<sup>26</sup>:

*Foi importantíssimo para aprender a escutar melhor. (Nuno)*

*Olhou nos meus olhos (...) não conseguia se alimentar, entendi que tinha que ajudá-lo (Elen)*

*Aprendemos a respeitar e a lidar com as diferenças*

*e limitações e principalmente aprendemos a saber ouvir o outro, isso vai fazer toda a diferença no nosso futuro (Flora)*

Os encontros sucessivos, a busca por compartilhamento de vivências e a abertura para criação progressiva de laços permitiu estabelecer relações de compromisso e respeito, ao que Starfield chama de vínculo.<sup>27</sup> A experiência do encontro era entendida como pluralizadora de olhares e de compreensões, tornando-os imprevisíveis e assumindo caminhos diferentes do calculado, o que potencializava o aprendizado.<sup>28</sup>

#### Categoria 4 – As Partidas

*A lembrança, o respeito e o amor sempre ocuparão um lugar especial ao falarmos o seu nome. (José)*

Nesta última categoria são destacadas as diversas partidas vivenciadas ao longo do PESI, iniciando pelos idosos que deixaram o Lar por retornarem para a casa dos familiares ou ainda aqueles que faleceram. Esses eventos exigiram que os estudantes tivessem que lidar com as interrupções no acompanhamento, com as perdas e com o luto, tão frequentes nas ILPIs:

*fui informado que a neta a levou de volta para casa (...) fiquei triste pelo fim do acompanhamento, mas o sentimento principal foi de extrema satisfação, afinal ela fez o caminho inverso, o caminho improvável. (José)*

*Foi muito difícil receber essa notícia (...) já tinha mais de um ano que eu sempre ia visitá-la e ela sempre dizia que gostava de morar lá, que todos a*

*tratavam bem e que lá, ela não precisava trabalhar. Fiquei na torcida para que essa volta para casa fosse realmente boa para ela. (Flora)*

*Encontrei [no quarto da idosa que acompanhava] e uma senhora que nunca vi antes estava lá (...) então veio a informação: Faleceu! Inevitavelmente as lágrimas caíram e eu fiquei atordoada. Lembrei de todos os momentos que tivemos. (Lara)*

*Estava decidida a ficar com ele nos seus últimos momentos, pois sabia que a doença evoluiria rápido (...) Fui entrando quando me chamaram e apresentaram a assistente social que me disse que havia falecido dois dias após minha última visita. (...) respirei fundo e segui em frente (Elen)*

Os aspectos relacionados à morte e o morrer são desenvolvidos de forma superficial nos currículos de Medicina<sup>29</sup> e poucas vezes os estudantes têm oportunidade de aprender a lidar com essas situações, mas isso não é restrito ao cenário da educação médica. Ao analisar o processo civilizatório da sociedade e dos indivíduos, o sociólogo alemão Norbert Elias, identifica um sentimento de constrangimento, medo e embaraço em relação a tudo que lembre a finitude da vida biológica.<sup>30</sup> Diante desse temor, evitar e reprimir a ideia da morte tem sido uma alternativa para lidar com esse sentimento que fragiliza as pessoas. Nessas vivências em que buscou-se superar o afastamento social dos “velhos”, conforme Elias<sup>30</sup>, os extensionistas foram sujeitos nas experiências de perdas, pois assumiram riscos e estiveram vulneráveis à exposição.<sup>15</sup> Neste mesmo caminho, ao chegarmos ao fim do ciclo de mais de dois anos

do Projeto, era hora de os extensionistas despedirem-se dos idosos pois o PESI estava chegando ao fim de suas atividades:

*A sinceridade pareceu-me dolorosa demais, no entanto, se fez necessária. Não poderíamos criar a expectativa, sabendo da possibilidade de não voltar. (José)*

*Foi uma tarde triste por ter que me despedir de pessoas que de maneira tão simples fizeram parte dos meus pensamentos após cada visita realizada, mas foi também alegre e emocionante. (Sueli)*

*Na despedida, ele me deixou o poema chamado CARREIRA, dedicado à minha formação acadêmica, e me mostrou o quanto somos capazes quando queremos algo em nossas vidas. (Olga)*

O encerramento das atividades do PESI provocou uma série de diferentes sentimentos entre os extensionistas, que hesitaram e tiveram dúvidas sobre como se despedirem. Enfrentaram e assumiram o desafio. Após essa última visita ao Lar, foi realizado um encontro para avaliação e finalização de todas as atividades de forma coletiva e compartilhada.

*Foi o fechamento de um ciclo de minha vida, se assim posso descrever. (Olga)*

*Mas era importante que o projeto tivesse um começo, meio e fim. Foi tão significativa essa despedida. (Tadeu)*

*Na reunião de despedida, cada um expressou aquilo que achou pertinente e manifestou, em sua fala, um certo tom de luto, de nostalgia, em razão do término no projeto. (...) Saí do Lar, mas o Lar permaneceu em mim. (José)*

Na experiência vivida na despedida, é possível depreender que houve aprendizado com o processo de conclusão do ciclo, assumindo que estes são finitos e que a necessidade de lidar com essa finitude nos ensina a concluí-los e iniciar outros. Trabalhar com idosos é romper com o progressivo afastamento destes do convívio social. É estabelecer identificações entre gerações e perceber que também nós estamos inseridos no mesmo ciclo vital. Tal qual os moribundos, apontados por Elias, também os idosos necessitam mais do que nunca da sensação de que não deixaram de ter sentido para outras pessoas.<sup>30</sup> E quando nossos estudantes se debruçam sobre a vida e os dilemas da velhice institucionalizada, dão um testemunho das potencialidades da extensão universitária que gera transformação.

### Considerações Finais

A partir das análises das narrativas, percebe-se que o PESI buscou compreender os dilemas da velhice no contexto asilar através dos encontros intergeracionais propiciados pela extensão universitária. Conseguiu sensibilizar os estudantes de Medicina para as questões do envelhecimento e da velhice, pautado numa postura crítica e de valorização da diversidade e singularidade dos sujeitos, desenvolvendo habilidades de comunicação. Os estereótipos sobre ILPIs deram lugar a uma análise da sua importância na sociedade contemporânea, a partir do conhecimento do seu funcionamento e das suas necessidades mais elementares.

O resgate das experiências dos próprios extensionistas apontam para uma compreensão que mescla uma visão biomédica da velhice com uma percepção ampliada da complexidade deste ciclo de vida, tanto a partir da aproximação com as reflexões e conceitos das Ciências Sociais, como da experiência vivida que os afetou. Os Encontros Teórico-Reflexivos possibilitaram que pudessem ressignificar as experiências através do compartilhamento de narrativas, integrando novos e antigos saberes de forma que pudessem ser utilizados em outros cenários e situações.

Essas aprendizagens despertaram nos estudantes um compromisso com a integralidade no cuidado à saúde do idoso, como forma de assegurar uma velhice saudável. Trouxeram a percepção da velhice como uma etapa que pertence a todos e que representa o nosso futuro – e não o passado, como geralmente se pensa – e sinalizou parte das novas descobertas, identificações e empatia. Indicam, sobretudo, que a experiência na extensão universitária repercutiu na formação dos futuros profissionais de saúde, reforçando o caráter transformador da extensão universitária na construção de autonomia dos estudantes e da cidadania.

### Agradecimentos

A todos os atores envolvidos no PESI: à FCM/PB que apoiou este que foi o primeiro projeto de extensão do curso de Medicina; à Instituição de

Longa Permanência que acolheu tão bem os extensionistas em meio ao árduo trabalho de cuidar com poucos recursos; aos idosos, que do início ao fim tanto compartilharam suas

histórias e saberes; aos estudantes que experienciaram e narraram as vivências que permitiram a análise do artigo. “E já não somos apenas finitos e sós”.<sup>31</sup>

## Referências

1. Pagliosa FL, Ros MAD. O relatório Flexner: para o bem e para o mal. 2008;32(4):492–499.
2. Machado CDB, Wu A, Heinzle M. Educação Médica no Brasil: uma Análise Histórica sobre a Formação Acadêmica e Pedagógica. Rev. bras. educ. med. 2018 Dez; 42(4):66-73
3. Ministério da Educação (BR). Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES Nº 3, de 20 de junho de 2014. Institui diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Medicina. Diário Oficial da União. Brasília, 2014 jun 23; 1:8-11.
4. Luna WF, Nordi ABA, Rached KS, Carvalho ARV. Projeto de Extensão IandéGuatá: vivências de estudantes de Medicina com indígenas Potiguara. Interface (Botucatu) [Internet]. 2019
5. Freire P. Extensão ou comunicação? Paz e Terra. 1983.
6. Debert GG. A reinvenção da velhice: socialização e processo de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP: FAPESP; 1999.
7. Brasil VJW, Batista NA. O Ensino de Geriatria e Gerontologia na Graduação Médica. Rev. bras. educ. med. 2015 Set; 39(3):344-351
8. Beauvoir S. A velhice. 2nd ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro; 1990.
9. Goffman E. A representação do eu na vida cotidiana. Vozes, editor. Petrópolis: Vozes; 1983.
10. Goffman I. Manicômios, Prisões e Conventos. SP: Editora Perspectiva; 2008.
11. Cabral BESL, Melo JAB, Silva KR. Sociedade senescente: análise de vínculos sociais numa instituição de longa permanência em Campina Grande – PB. Memorialidades. 2012 Dez; (18):89-121
12. Luna WF et al. Relatório Final do Primeiro Ciclo Projeto de Extensão Saúde do Idoso PESI. Cabedelo; Ciências Médicas da Paraíba, 2013. 96.
13. Ausubel DP. Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. 1st ed. Lisboa: Plátano. Edições Técnicas; 2003.
14. Turato ER. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. Rev Saúde Pública. 2005 Jun; 39(3):507-514.
15. Bondía JL. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. 2002;(N.19):20–28.
16. Grossman E, de Almeida Cardoso MHC. As narrativas em medicina: contribuições à prática clínica e ao ensino médico. Revista Brasileira de Educação Médica. 2006 04;30:6–14.
17. Muylaert C, Sarubbi Jr V, Gallo P, Neto M, Reis A. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. REEUSP [Internet]. 2014.
18. Minayo MC. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo. 2006;261-268.
19. Gomes R. Análise e Interpretação de dados em Pesquisa Qualitativa. In: Deslandes S, Gomes R; Minayo MCS. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 31 ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2012.
20. Bondía JL. Experiência e alteridade em educação. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul. 2011 Dez; <sup>19(2):04-27</sup>.
21. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Envelhecimento e saúde da pessoa idosa. Brasília: Ministério da Saúde; 2006.
22. Bosí E. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. 3 a ed., São Paulo: Companhia das Letras; 1994.

- <sup>23</sup>. Neri AL. Envelhecer num país de jovens. Significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos. Campinas: Editora da UNICAMP; 1991.
- <sup>24</sup>. Scott K, DeBrew JK. Helping older adults find meaning and purpose through storytelling. *J GerontolNurs* [Inter- net]. 2009[cited 2015 Dec 05];35(12):38-43. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19928712>
- <sup>25</sup>. Charon R. Narrative Medicine: A Model for Empathy, Reflection, Profession, and Trust. *JAMA*.2001;286(15):1897–1902.
- <sup>26</sup>. Stewart M, Brown JB, Weston WW, McWhinney IR, McWilliam CL, Freeman TR. *Medicina Centrada na Pessoa: transformando o método clínico*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed; 2017.
- <sup>27</sup>. Starfield B. *Atenção primária: equilíbrio entre necessidades de saúde, serviços e tecnologia*. Brasília: Ministério da Saúde/UNESCO; 2002.
- <sup>28</sup>. Orbe FB, Bondía JL, Sangrá JCM. Pensar la educación desde la experiencia. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. 2006 jan. 233-259
- <sup>29</sup>. Azeredo NSG, Rocha CF, Carvalho PRA. O enfrentamento da morte e do morrer na formação de acadêmicos de Medicina. *Rev. bras. educ. med*. 2011 Mar. 35(1): 37-43
- <sup>30</sup>. Elias N. *A Solidão dos Moribundos seguido de Envelhecer e Morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- <sup>31</sup>. Andrade CD. *Reinauguração*. In: *Receita de Ano Novo*. Editora Record; 2008.

**Submissão: 23/05/2019**  
**Aceite: 02/10/2019**